

Folhas caídas, apanhadas na lama por um antigo juiz das almas de Campanhan

Camilo Castelo Branco



Project Gutenberg

The Project Gutenberg eBook of Folhas cahidas, apanhadas na lama por um antigo juiz das almas de Campanhan

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: Folhas cahidas, apanhadas na lama por um antigo juiz das almas de Campanhan

Author: Camilo Castelo Branco

Release date: November 15, 2007 [eBook #23486]
Most recently updated: January 3, 2021

Language: Portuguese

Original publication: Porto: Typographia de F. G. da Fonseca Rua das Hortas N.º 152 e 153, 1854

Credits: Produced by Pedro Saborano (produced from scanned images of public domain material from Google Book Search)

*** START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK FOLHAS
CAHIDAS, APANHADAS NA LAMA POR UM ANTIGO JUIZ DAS
ALMAS DE CAMPANHAN ***

FOLHAS CAHIDAS,
APANHADAS NA LAMA,

POR

UM ANTIGO JUIZ DAS ALMAS DE CAMPANHAN,

E

SÓCIO ACTUAL DA ASSEMBLEA PORTUENSE,

COM EXERCICIO NO *Palheiro*.

OBRA DE QUATRO VINTENS,

E DE MUITA INSTRUÇÃO,

PORTO:

TYPOGRAPHIA DE F. G. DA FONSECA,

Rua das Hortas n.º 152 e 153.

1854.

EU.

Saibam todos quantos virem

Este publico instrumento,

Que surgiu mais um poeta

Nos aloques do talento.

Não pertenço á mocidade,

Que fechou sem caridade

Da velhice a pobre tumba.

Não sei palavras d'estouro,

Nem descanto em lyra d'ouro:

Minha lyra é um zabumba.

Eu, sou eu. Juiz das Almas,

Nos bons tempos, que lá vão,

Conheci que tinha uma

Como poucas almas são...

Campanhan! terra dos saveis!

Que doçuras inefaveis

Tens nos teus prados amenos!

Ai! Maria da Cancellal!...

Cada vez que fallo n'ella,

Sou Petrarcha... em fralda, ao menos!

Dai logar á catarata

D'uma lagrima que rola

Pelas faces, como orvalho

A aljofrar uma papôla,

Respeitai a desynth'ria

Desta enferma poesia,

Que resiste á Revalenta!

Braz Tisana

, esse que diga,

Em que estado anda a barriga

Da Musa, nos seus outenta!

Deixai que um velho recorde

Aureos sonhos infantis!..

Campanhan, mansão das fadas

Onde estão tuas houris?

Ledas brisas que brincaveis

Entre as pestanas dos saveis,

Lindos saveis de coral!

Onde estaes, em que paues

Murmuraes, auras tafues,

Vosso hymno angelical!

Raios palidos da lua

Alta noute, em ceo d'anil,

Já não são os que argentavam

Estes lagos de esmeril!

Nem é este o pulcro savel

Que me deu sorriso afavel

D'entre os verdes salgueiraes!

Nem aqui meu peito aneia

Os carinhos da lampreia

(E outras asneiras que taes).

Quando eu era o mago enlevo

Das fadas de Campanhan,

Apanhava a borboleta,

Que doudejava louçan.

E, por tardes d'almo estio,

Lá nas margens do meu rio

Vi delicias de encantar....

--Pyrilampos, suspirando,

Qual Camoens suspira arfando

Os estos do seu penar.

Ai! trovas da minha aldeia,

Que saudades me doeis!

Doçuras da minha vida,

Quando eu cantava os reis!

Viola d'Antonio Pinto,

Onde estás, que inda cá sinto

O gemer dos teus bordoens!

Minhas chinelas côm d'ovo,

E meu par de sócos novo,

Tão rico d'inspiraçoens!

Lá vai tudo! E minha alma

Erma, esteril, sinto aqui....

Como o lyrio enruga o calix

A fronte calva pendi!

Poeta da lyra amarga,

Vérgo ao peso desta carga

De descrença e maldição!

Lacerado em meu orgulho,

Quero o sangue, o serrabulho

Desta infame geração!

E, depois que a minha lousa

Parta d'um raio a centelha,

Hão-de ouvir ranger meus ossos

Como carruagem velha.

E a mortalha ensanguentada

Como a tunica manchada

Do Cesar de Campanhan,

Ha-de ser mostrada ao povo,

Ha-de ouvir-se um grito novo

Nas praias do Gengis-kan!

AOS BAROENS.

Amigos! sinceridade!

Não sejamos todos tolos;

Deixai vêr os vossos rôlos

De brasoens.

Ninguém disse ainda ao certo

Onde vão, donde vieram

Os baroens.

Dizem velhos alfarrabios

Que os baroens da idade d'ouro

Davam taponas de mouro,

Fanfarroens!

Nesse tempo eram

crusados

,

Hoje fogem dos

cruseiros

,

Os baroens.

Os de então na Palestina

Eram rijos e potentes;

Mas os d'hoje são valentes

Nos certoens.

Quem domina as vastas tribus

Dessas plagas africanas?

Os baroens.

Quem envia, mar em fora,

As esquadras dos

Trajanos

,

D'archejantes e ufanos

Galeoens?

Quem envia

Guerra

aos barbaros,

E lhe algema os pulsos livres?

Os baroens.

Digam lá o que disserem

Contra os

crusados

da moda,

Sois os grandes deste reino,

Meus baroens!.. sabeil-a toda!

«Carne humana!! escravaria!!!

Crime atroz!!!!» são palavroens.

Chia a imprensa? ha-de calar-se...

Sabeil-a toda, baroens!

Vossos pais quando vieram

De Figueiró para aqui,

Quem diria... vendo vil-os

Como eu chegal-os vi!..

Era assim: via-se um mono

De jaqueta de cotim,

E calças de estopa grossa

E pernas côr do carmim.

Trazia sócos ferrados,

Em que pés!.. Deus nos accuda!..

Lenço vermelho amarrado

Na cabeça ponteaguda.

Vosso avô vinha com elle,

E gemia derreado

Sob um saco de batatas

Do patrão mimo adorado.

Vossa avó, de pé descalço,

Traz canastra com toucinho,

Pão de broa corpulenta,

Borracha de verde vinho.

Inda hontem eu vi isto!..

E vossês sus patuscoens,

Devem espantar-se comigo

De serem hoje baroens!

Querem de graça um conselho?

Não fallem, que faz tristeza,

Vêr o raso da toleima

A que desceu a nobreza!

Burros ficam sempre burros,

Embora tragam selim,

Cravado de diamantes

E estofado de setim.

O brilhar dessas commendas

Não vos muda a condição.

O instinto vos arrasta

Para o covado e balcão.

HYMNO AO HECKER SALOIO.

Senhor Fontes Pereira de Mello,

Que sois Pitt, e

pitada

tambem,

Já que tudo metteis n'um chinelo

A cantar-vos a banza aqui vem!

Senhor Fontes! Sois de Lysia

O que ninguem inda foi!

Quem dissera que tão perto

D'um Sangrado existe um heroi!

Longo tempo o cultor da batata,

Senhor Pitt, por vós suspirou.

As abob'ras meninas murcharam,

E a mesquinha cebola grelou!

Mas creaste um ministerio

D'agricultura, ó portento!

Era um gosto vêr o grêlo

Sob o imperio do Fomento!

E o repólho, a cinôra, o coentro

Esponaneos brotavam nos montes;

E nas folhas da côve tronxuda

Viu-se escripto: «Gloria ao Sôr Fontes!»

Senhor Fontes! vosso nome

Pelas hortas se dilata!

Como o Cesar é na *Fabia*,

Sois salvador da batata!

Carangueijos os lusos viviam

Desterrados n'um solo infeliz!..

E, comvosco, quebrar inda esperam

Nos caminhos de ferro o nariz.

Senhor Fontes! este povo

Vossa gloria proclama,

Quando viaja enterrado

Té ao pescoço na lama.

Era triste esse tempo d'outr'ora

Em que um homem quebrava um quadril,

Nessas quinas d'estrada de pedra

Onde agora fumega um carril!

Á vista disto, Sôr Fontes,

(Á parte censuras tolas)

O paiz quer-vos na fronte

Uma restea de cebolas.

Quando o Porto vos deu quatro patos,

E de forno o arroz competente,

Quiz mostrar-vos que a gloria é um sonho,

Quando o ventre não anda contente.

E comestes, senhor Fontes,

E fizestes muito bem;

Colbert, Necker, e Pitt

Comiam patos tambem.

Quem nas polkas mostrou mais donaire?

Quem nas walsas mais quebra a cintura?

Quem melhor joga a tibia flexivel?

Quem compete convosco em tesura?

Senhor Fontes, dous instinctos

A natura em vós relata;

A não serdes o Fomento,

Devieis ser acrobata.

Beatus venter qui te portavit,

Diz a patria na sua expansão!

Desde o Vistula ao Douro retumbam

Algazarras de rouca ovação!

Gloria, gloria ao rasgado

Fomentador immortal!

Modelo dos bons bigodes,

Permanente carnaval!

O DROPP.

Aranha de pau de pinho

Caranguejola, que és?

És o dropp; ora o dropp,

É uma cousa (diz Pop)

Sem ter cabeça nem pés.

Visto isso; temos dropp;

Ninguém tenha á barra medo.

A asneira não é tão calva;

A gente sempre se salva;

De que modo? isso é segredo,

Os praguentos já resmungam

Contra aquelle immenso trem;

Dizem que é força acabar,

Não só nas fúrias do mar

Mas nas do dropp também.

Este dropp é um segredo,

As finanças um mysterio.

Vêdes n'aquella gaiola,

Uma parva cabriola,

Imagem do ministerio?

Navegantes! acautelem-se!

Em posição desastrada

Empreguem maior cuidado

Que lhe não venha ao costado

Uma tremenda caibrada.

Aquelles paus são synistros

Como o cavallo de Troya;

Tudo aquillo é muito serio;

Tem não sei que de funereo

Dos carroçoens do Lagoia!

Tanta tabua consummida

Nessa funeraria asneira!..

Não 'stava ahi um sujeito

Com tanto dropp já feito,

Manoel José d'Oliveira?

Economia

! sarcasmo

Deste ministerio-dropp,

Que cravou no calcanhar

A espora que faz andar

As finanças a galope!

Sou de voto que se dê

Ao dropp um uso real:

--Seja a estufa, com recatos,

P'ra guardar os cinco catos

Do ministerio actual.

O SEU A SEU DONO.

A Cesar o que é de Cesar,

Aos velhos o que é dos velhos!

Quem da crytica se encarga,

Deve andar estrada larga

E não metter-se por quelhos.

Sou assim! E mais sou velho

Mas a verdade é tambem,

Custe embora a quem custar,

A verdade hei-de-a fallar

Seja em mal, ou seja em bem.

Epaminondas Tebano,

A

Concordia

e o

Nacional

,

Nem a rir disseram petas:

Eu tambem como as gazetas,

Sou da honra o pedestal.

Não consinto que se diga,

Que só lavra a corrupção

Nas entranhas dos mancebos.

Eu conheço muitos gebos

Corruptos de profissão

Quem quizer venha ao

Palheiro

Desta nossa Assembleia,

Ha-de vêr linguas farpadas

Em bocas já desdentadas

Maculando a honra alheia.

Ha-de vêr velhos devassos

Como em lubrica orgia,

Já vergados nas cernelhas,

Memorando infamias velhas

Com satanica alegria.

Ha-de vêr o extinto frade,

C'o a bochecha rubra e gorda,

Acerando o epygramma,

Nem se quer poupando a

ama

,

Que lhe faz em casa a sôrda.

Ha-de vêr o millionario

Brazileiro, com mil tretas,

A contar, com sujas cores,

As lendas dos seus amores

Com as

suas

trinta pretas.

Estes taes são os que infamam

A mocidade infeliz!

São estes em cuja tez

O oleo da estupidez

É da vergonha o verniz.

A mocidade não pode

Vencêl-os, não pode, não!

Dominam, são respeitados,

Representam vinculados

Os tempos da corrupção.

Nascidos, quando por terra

Os homens lançaram Deus;

Tem só fé no sensualismo,

E escarnecem com cynismo,

As crenças filhas dos ceus.

Gangrenado o corpo e alma,

Sem saber, e sem piedade,

São authomatos de barro,

Que resistem ao catharro

Pr'a vexar a humanidade.

Onde existe a virgem pobre,

Que de maguas vive cheia,

Lá vai ter uma mensagem

Da senil libertinagem,

Que o pudor lhe regateia.

Perguntai nesses alcouces

De miseria e compaixão,

Quantas victimas da fome

A deshonra ahi consomme,

E de quem victimas são.

Heis d'ouvir factos nojentos

Destes velhos que se arrastam

Sobre a lama das torpezas,

Das luxurias e villezas

Em que, cynicos, repastam.

Velho sou, bem alto o disse;

Mas deshonro-me de ser

Desta geração de velhos,

Em que os moços tem espelhos

Onde infamias possam ver!

Mocidade generosa!

Os teus crimes, tem nobreza;

Quando falla a consciencia,

Nem negaes a Providencia,

Nem manchaes a natureza.

Elles não; sempre atufados

Em nojentos tremedaes,

Crêem só no seu dinheiro,

No cavaco do

palheiro

,

Na barriga, e nada mais.

A Cesar o que é de Cesar,

Aos velhos o que é dos velhos!

Quem da crytica se encarga,

Deve andar estrada larga,

E não metter-se por quelhos.

CONTO MORAL.

Um

attaché

, que vivera

Em Pariz uns quatro mezes,

Voltando á patria mesquinha,

Não roubou nem palavrinha

Aos seus amigos francezes.

Quando entrou nos patrios lares,

Já não era o mesmo filho;

Sua mãe dobando estava,

E o

attaché

perguntava

Que nome tinha o sarilho?

Desceu á loja onde estava

O honrado pai ao balcão.

E mal dera ainda um passo,

Quando viu que estava um engaço

Estendido alli no chão.

Ora, o engaço tinha uns dentes,

Onde o tolo põe um pé,

Quando ao pai enthusiasmado,

Perguntou todo anafado:

Este engarilho que é?

Vai o cabo levantou-se,

Que assim era de suppor;

Vem direito ao infeliz

Quebra a ponta do nariz,

Do futuro embaixador!

MORAL.

Não venham fazer-se finos

À patria os

attachés

,

Quem vai tolo tolo volta,

Inda que traga uma escolta

De anedoctas dos

Cafés

.

EPYSTOLA

**AO EXCM.º VISCONDE DE ATHOGUIA EM DUAS
VIDAS; MINISTRO DA MARINHA DOS TRES
BRIGUES, E DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS...
AO SENSO COMMUM.**

Illustre paspalhão, pasmo dos orbes,

Nata da estupidez, alcool dos parvos,

De Campanhan o bardo te sauda!

Eu nunca fui sentar-me á tua porta,

Mendigando mercês; nunca os meus cantos,

Fedendo ao macassar da vil lisonja,

As nedeas ventas incensar te foram!

É livre a minha voz: creiam-me os povos!

Nobre feudo pagar aos grandes parvos

É do bardo a missão. A minha é esta.

Ha muito que eu de ti pasmado andava,

Contando á minha Antonia, e aos pequenos,

O nome que no peito escripto tinha.

Em casa do Francisco da Thomasia

Os teus discursos li, Visconde incrível!

N'aquellas chatas caras que me ouviam,

Vi faiscas saltar de entusiasmo.

Bebêmos-te á saude, a rego cheio!

E, no excesso do goso, os teus amigos

Não podiam lamber-se... eram uns cachos!

Tu, mais novo que o neto, ousado Gorgias,

Ha pouco trituraste os cabralistas

No rijo almofariz do craneo ôco.

Salvaste Roma, ó ganço!.. se não grasnas

Piravam-se os taes páos

[1]

e a Lusitania,

Viuva dos seus páos, ia-se á mingua!

És o Curcio das lonas, que remiste

[2]

Do jogo infame da Albion perversa

A patria dos Affonsos e Affonsinhos!

A divida fatal, chamada externa,

Saldaste-a c'o producto dessas chapas,

Em que fica chapada a crassa asneira,

Eterna viscondessa d'Athoguia!

Do

Conde de Thomar

se intitulava

O patacho fatal, terror dos povos!

Fulminaste o patacho! A Europa accesa,

Pedira-te energia audaciosa.

Passaste heroica esponja sobre o nome,

E fizeste callar a voz da Europa!

Ó Jervis! tu nem sabes quanto vales!

Que o diga Campanhan, Valbom, S. Cosme,

Onde eu pude chegar, e a minha Antonia.

A machado e eixó, de páo castanho,

Um busto construí: era o teu busto.

Teu nome eternisei, nome que teve

Um

u

, maldito

u

, que tantas febres

Na mente escandecida te abrazára!

Não sei se diga mais, palavra d'honra!

Com esta não te enfado mais, visconde.

Não desdenhes vaidoso a offerta humilde,

Que mesquinho reptil aos pés te arrasta.

Recebe dusia e meia de lampreias,

Cosinhadas por mim; são de escabeche...

A proposito, amigo, ha quanto tempo

Conservas de escabeche a intelligencia?

[1] S. exc.^a mandou vender os páos, porque deu na melgueira d'uns empregados, que os regeneravam á surelfa, com grave detrimento da marinha portugueza.

[2] S. exc.^a vendeu umas lonas, cujo producto fez subir os fundos em Londres, e permittiu a construcção de trinta navios de guerra, com que s. exc.^a espera «sulcar as salsas ondas d'Amphitrite,» segundo a gravissima opinião do snr. J. M. Grande.

O MINISTRO E O JORNALISTA. **(*Deálogo*).**

MINISTRO

Eu vim chamado ao leito desta patria

Matava-a a corrupção, e eu salvei-a!

Se prostrada jazia, ou talvez morta,

Qual Lazaro da campa, alevantei-a!

JORNALISTA

De certo levantou Vossa Excellencia!

Que brade embora a vil opposição...

Esquálidos vestígios de gangrena

Bem profundos deixou a corrupção.

MINISTRO

Se crê nessas doutrinas luminosas,

E quer ser prestadio a Portugal,

Acceite a empreza honrosa, augusta, e nobre,

D'expol-as, sustental-as n'um jornal.

JORNALISTA

Empreza honrosa é; della me ufano!

Irei apostolar o credo novo;

Direi ás multidoens verdades francas,

Será o meu jornal jornal do povo.

MINISTRO

Bem sei que da defeza é árdua a luta...

Odeia-me, sem causa, esta nação...

Embora! na grandeza dos serviços

Compete ao defensor môr galardão.

JORNALISTA

Bem sei quantas calumnias forja a intriga...

Já dellas foi manchado o grande Decio.

Quizeram macular Vossa Excellencia

Chamando-lhe espião, rival de

Mecio

!

MINISTRO

(Commovido, e esfregando os olhos com cebola).

Bemdito seja Deus! só elle sabe

As nobres intenções de tal acção!

Por honra, por nobreza, e por character,

De certo fui, meu caro, um espião!

JORNALISTA

Não é lá grande feito de virtude;

Mas cumpre que eu me saiba haver na luta.

Convém negar o facto, ou confirmal-o?

Bem sabe que é de crêr haja disputa.

MINISTRO

(Limando os olhos).

Eu lhe digo, senhor, a patria exige

Medidas uteis, providencias, factos.

Accusaçoens banaes, não lhes responda;

A pedra é livre em mãos desses

gaiatos

.

JORNALISTA

Pois bem! sou desse voto, ei-de julgal-as;

Accusaçoens banaes, pretr'idas, nullas;

Mas dado o caso infausto de citarem

Não sei que transacçoens com certas bullas?

MINISTRO

(Enternecido).

Responda-lhe que eu fui proscripto, errante...

E quando ao ninho caro alfim tornei,

Não só não tinha um pinto pr'a despesas,

Mas nem a livraria, em casa achei.

JORNALISTA

Pois bem, triumphará Vossa Excellencia...

Agora, se lhe apraz... sim... cada qual

Emprega neste mundo, como pode,

O seu... ou pouco ou muito cabedal...

MINISTRO

Intendo... quer dizer que não dispensa

Além do beneficio, uma pensão...

É justa, a quem trabalha a recompensa...

Quer cinquenta mil reis? pagos, serão.

Cinco mezes depois.

JORNALISTA

(Escrevendo).

Senhor ministro, eu não posso

Este jornal sustentar

Tenho esp'rado, em vão tres mezes,

Não me acabam de pagar.

Vossa Excellencia me disse,

A vinte e tres de Janeiro,

Que no Governo Civil

Recebesse o meu dinheiro,

Nem um chavo! e os assignantes

Abandonam-me o jornal,

Porque defendo um governo

Vergonha de Portugal.

Se não manda, quanto antes,

Senhor ministro, as mesadas,

Com pesar vou abraçar-me

Às outras crenças passadas.

MINISTRO

(Só).

Á vista disto, não ha mais fugir-lhe...

Pouco me serve... mas é pobre moço!..

Fazem-me pena quando assim os vejo...

Não ha remedio senão dar-lhe um osso.

A D. EUSEBIA DA ASSUMPÇÃO,

ALMA DE VACA.

Noitebó que esvoaçaste

No meu ceo d'alva illusão;

E na chaminé pousaste

Deste ardente coração;

Que mal te fiz, pulga d'alma,

Que mordes, sem compaixão?

Dona Eusebia, gança amada,

Que picaste a minha flor,

Tão do intimo orvalhada

Pelos prantos desta dôr,

Dona Eusebia não me piques

Esta alcachofra d'amor!

Gata brava, não me bufes

Esta luz d'aspiração;

Por quem és, tu não me atufes

Dona Eusebia d'Assumpção,

Nos abysmos insondaveis

D'assanhada ingratidão!

Tu chamaste-me pangaio,

Quando eu quiz um riso teu!

Fulminou-me um impio raio,

Minha aspiração morreu!

Ai! Natercia de chinelos,

Serei eu

pangaio?

eu!!

Tens no peito ingrata, um chato

Coração de melancia.

Tanto tempo fui teu gato,

Gato d'amor e poesia!

Dona Eusebia, alma de vaca,

Morras tu de hydropesia!

AS LITTERATAS.

Paes de familia, hybridos caturras,

Escrevo para vós! Se tendes filhas

Com sestro massador de fazer versos,

Dai-lhes p'ra baixo, como eu dou nas minhas!

Eu vejo serigaitas, mal lavadas

Do almiscar infantil de seus cueiros,

Fazerem relações

c'os raios pallidos,

Da estrella matinal, do lago lympido,

Das auras ciciantes, e da aragem,

E d'outras semelhantes trampolinas,

Que vós não entendeis, nem eu, nem ellas.

Espevitam-se todas estas gaitas

Da musa melancolica das noutes.

Mal sabem onde tem a mão direita,

Não viram do nariz um palmo adiante,

E fallam de

paixoens intimas d'alma,

De crenças desbotadas, e de flores

Fanadas ao soprar da leda infância.

Acaso compreendeis, paes de familia,

Da nova geração destas piegas

A triste chiadeira que nos fazem?

Dai-lhes p'ra baixo como eu dou nas minhas!

Não tendes uns fundilhos nas cilouras?

Não tendes roto o calcanhar da piuga?

Não tendes uma estriga, um fuso, e roca?

Mandai-as trabalhar; dai-lhe a sciencia

Precisa para o rol da roupa suja.

Se lhe virdes romance, ou essas cousas

Chamadas folhetins, sobre a

toilette

,

(A

toilette

, meu Deus! por causa d'ellas

Perverteu-se a dicção do nosso Barros!)

Dai-lhes p'ra baixo como eu dou nas minhas!

Quem é o parvo que espozar-se queira

Com litterata alambicada e chocha?

Sentada n'um sophá, sapho saloia,

Em languida postura requebrada,

Se eu visse a minha Antonia! ai que panasio,

Que revez de careca eu lhe pregava!

Paes de familia! não achaes bem triste

Entrar um cidadão em sua casa,

Cansado de lavrar o pão da vida,

E vêr sua mulher repotreada

Na othomana gentil, lendo romances?

Pobre marido quer fallar d'uns frangos

Que baratos comprou, e a litterata

Pergunta-lhe se leu

Kossuth e os hungaros

!

O parvo franze a testa aborrecido,

Procura entre os lençoes um refrigerio;

Mas, no excesso da dôr, rasga as cilouras,

E no mundo não tem mulher ou anjo

Que lh'as saiba coser!.. ai do mesquinho!

Onze horas já são. O bom do homem

Tres vezes já pediu café com leite,

Apertam-no negocios; mas em balde

Pediu com desespero o tardo almoço.

A litterata esposa inda ressona,

Pois vira despontar a estrella d'alva

Nos rubros arreboes dos horisontes,

E, inspirada, fizera quatro quadras,

Ardentes de ideal romantecismo.

«Café com leite!» brada em vão tres vezes,

O bode expiatorio dos romances...

«Café com leite» os eccos lhe respondem,

Que a Stael d'agua doce inda ressona!

Maridos imbecis! eu vos lamento!

A culpa não foi vossa! Aos pais a imputo.

Madame Podestá dizem que ensina

Grammatica, rethorica, hidraulica,

Mecanica, gymnastica, estetica,

E chymica, e botanica, e plastica,

O arabe, o sanskrit, a geographia,

A prosodia, a syntaxe, industria e canones,

E muitas cousas mais, como th'rapeutica.

Será tudo mui bom; mas eu aposto

Que o remate de tantas luzes juntas

É capaz de fazer perfeitas tolas

As muitas que lá vão com seu Juizo!

Paes de familia! tendes filhas d'estas?

Dai-lhes p'ra baixo, como eu dou nas minhas!

Um pai eu conheci, que nunca soube

O seu nome escrever sem quatro asneiras,

E mandou ensinar francez á filha.

A filha conseguiu, passados annos,

Uma cousa fallar mui duvidosa

Que os francezes, talvez, diriam tartaro!

Mas seria francez, o caso é este:

Um dia estava o pai, e ella, e um outro

Janota almiscarado, conversando.

De improviso a menina a lingua solta

Em barbaros grasnidos que atarantam

A cabeça do velho. O «petimetre»

Responde em algarvia semelhante.

O pai, no centro delles, era um parvo

Gemendo sob o peso do ridiculo...

Mas lá vai o peor do caso infausto!

Ao dar da meia noute desse dia

Cumpria-se a promessa contratada

Na presença d'um pai, que bem podera

Embargos de terceiro inda intentar

Se fosse em portuguez organizada

A injusta petição do supplicante.

Pais de familia, vossas filhas fallam

Italiano, francez, gallego, ou turco?

Dai-lhes p'ra baixo como eu dou nas minhas.

UM JANTAR DE BAROENS.

INVOCAÇÃO.

Musa da sopa e do cosido, inspira-me!

Pandega musa, que sorris ao vate

Em môlho d'açafrão, e de tomate,

Um cego adorador... achaste em mim.

Transforma o estro meu em lombo assado,

Da minha inspiração faz um podim.

Tu filha dos baroens, musa do unto,

Nasceste na cosinha entre caçôlas;

Saudaram-te no berço alhos, cebôlas,

Do cominho tiveste uma ovação.

Depois, trajando gallas de toucinho,

Eu vi-te nas bochechas d'um barão.

Namorado de ti, fiz-te meiguices,

Por de traz d'um pirum, e tu de lá

Sorraste-me atravez da nedeia pá

De vitella gentil, rica de arroz!

Ai! era!.. e nem eu sei se foi mais linda

Aquella gorda pata... que te poz!

Tu fizeste de mim novo Claudio,

Inspiraste-me fé no rodavalho.

Traguei indigestoens, arrotos d'alho,

Bernardas

na barriga supportei.

Tomei chá de marcella... e, em premio d'isto.

O teu auxilio, ó musa, não terei?!

Dentro e fóra illuminado

O palacio d'um barão,

Fulgurante representa

Um enorme lampião.

Jorram lympidas vidraças

Sobre as populosas praças

Ondas tremulas de luzes.

Vai lá dentro grande goso,

Nesse alcaçar radioso

Do barão dos Alcatruzes.

D'Alcatruzes é chamado,

Porque, sendo ainda moço,

Muitos baldes d'agua fresca

Dizem que tirou d'um poço.

Nenhum outro mais destreza

Revellou na ardua empreza.

De puchar acima um balde.

Um que seja tão robusto

Ha-de vir mui tarde e a custo,

Do concelho de Ramalde.

É barão; não vale a pena

Discutir-lhe os nobres feitos.

É barão dos Alcatruzes

Já tem pagos os direitos.

Inda é mais; pois além d'isto

É commendador de Christo

Com bastante indiscrição.

Mal diria Christo outr'ora,

Que seria posto agora

No peito d'um vendilhão!

E mais elle, que os tocava

Com terrivel azorrague!..

Mas os Judas vendem Christo,

Ponto é haver quem pague.

E o barão dos Alcatruzes

Neste seculo das luzes

Tambem fez de farizeu:

E, tambem, se é necessario,

Representa de Calvario,

Onde a cruz se suspendeu.

II.

N'um salão vasto, opulento,

Um banquete se vai dar;

Nos christaes reflecte o ouro,

A fulgir, a scintillar.

Os rubis, e a côr da opala

Transfiguram esta sala

Em olympicas mansoens.

Mas a alma cae por terra,

Quando vê que alli se encerra

Duzia e meia de baroens.

Da terrina a caudal sopa

Em silencio é devorada.

Só então fingiram d'homens,

Porque não disseram nada.

Mas venceu a natureza!

Um barão por sobre a mesa

Estendendo o prato, diz:

«Ó compadre! isto é qu'é bô!

Venha sopa, e acabô!

Cá de mim, torno á matriz!»

O barão de Cogumelos

Junto estando á baroneza,

Que se diz dos Sacatrapos,

Quiz fazer-lhe uma fineza.

Arrastou p'ra junto d'ella

Um pirum, e a cabidela

No prato lhe despejou.

E lhe diz: «cá isto é nosso;

Cousa que não tenha osso

É p'ró estamago, e arrimou!»

Outro diz á gorda esposa,

Que bem perto de si tem:

«Bai-lhe bebendo po'riba,

Ó mulher, come-lhe bem!»

Este pede ao seu visinho:

«Que lh'atice bem no binho

Qu'é da belha companhia.»

Diz aquelle ao seu fronteiro:

«Que lhe chegue um frango inteiro

E biba a sancta alegria!»

III.

As saudes já começam.

É um gosto agora vêl-os.

Estas caras representam

Tomates de cotovêlos.

E, a travez do escarlate

Do legitimo tomate,

Transsuda um oleo que brilha,

Cada qual tem as orelhas

Encarniçadas, vermelhas

Como as azas d'uma bilha.

Pega no copo, e exclama

O barão das Pimpinelas:

«Vito serio! um home fala

Sem preamblos nem aquellas!

Á saude e alegria

Desta bella companhia

E com toda a estifação!

P'ra que todos cá binhamos

Estifeitos como bamos

De casa do sôr barão!»

E os hurras retumbaram

Pela sala do festim.

Balthazar nos seus banquetes

Não ouviu gritar assim!

Sobre a mesa deram murros,

Saudaram com grandes urros

O barão dos Alcatruzes;

Mas alguns com magua sua,

Já cuidavam ver a lua,

Não podendo vêr as luzes.

Mas, entre elles, um existe,

Litterato em seu conceito.

A palavra pede, e reina

Um silencio de respeito.

Elle diz: «Risonhas gallas

Que refrangem n'estas salas

Repercutem, symbolisam

Acrimónias insolueis,

Nos acrósticos volueis

D'epopeas que eternisam.

Pandemonios exauriveis

D'indeleveis congruencias.

Requintados se escurecem

Nos impérios das sciencias

E liberrimos se escudam

Nas façanhas que transsudam

Em fantasiosas luzes.

E, por tanto, a mais alludo,

Quando, fervido, saudo

O barão dos Alcatruzes!»

Sucedeu o grito ao pasmo!

Nunca se viu cousa assim!

O orador foi abraçado

Com furor, com frenezim!

«Isto é qu'él!» dizia um,

Convertido em rubro atum,

Betarraba até não mais.

«Viva Cissro!» outro dizia,

Despejando a malvazia,

Com grasnidos infernaes.

IV.

E a pandega findou. Mas alta noute,

Disseram-nos fieis informações;

Que grande movimento ouve de tripas,

E grande salto deram as torneiras

Das pipas convertidas em baroens

Ou antes dos baroens tornados pipas.

ELOGIO FUNEBRE

*A uma dama, prodigio de fecundidade, que dá á luz tres romances,
por semana, nos jornaes do Porto.*

Atafona de romances,

És um carril a vapor!

Romantisas quanto achas,

E nos folhetins encaixas

Com satanico furor.

Cornocopia da toleima!

Nós fizemos-te algum mal?

Tu não sabes, escriptora,

Como zombam lá por fóra

Das lettras de Portugal?

Não lucrara mais a patria,

E lucráras tu tambem,

Se fiasses n'uma roca.

Com primor, a massaroca,

Que desprezas, com desdem?

Não te fôra mais airoso

Bisponstar bem uns fundilhos

Para em tempo competente

Um remendo pôr decente

Nas cuecas de teus filhos?

Mal tu sabes que sciencia

Tem da meia o calcanhar!

Talvez penses que o romance

É mister de mais alcance

Que nas meias pontos dar!..

Eu por mim antes quizera

Nunca ter lido Camoens,

Nem romances d'uma tola,

Que vestir rôta a ciroula,

Ou camisa sem botoens.

Accredito seja um dia

A mulher emancipada;

Ha-de então ser regedora,

Escrivan, e contadora,

Eleitora, e deputada.

Nesse tempo, se existisses,

Tendo em vista essa pericia

Com que ostentas teu saber,

Que logar podias ter?

Eras cabo de policia.

Tenho pena, quando penso

Que serás formosa e meiga,

E encontro os teus escriptos

Nos embrulhos dos palitos

Do toucinho, e da manteiga!

Faz-me dó, pois tu bem podes

Bordar lenços de cambraia

Com bonito

petit-point

;

E, não sendo aqui ninguém,

Podes, ser tudo na Maia.

EPISTOLA

AO VISCONDE DE QUEBRANTOENS.

Instrumento do ceo, desceste ao Porto,

Corajoso mancebo, que desandas

Nos borlistas fataes sopapo ingente!

Oppresso longo tempo, ahi gemera

Nas entalas crueis d'um camarote

O misero assignante! Amargo calix

Em silencio tragava, ouvindo os passos

Do acerbo massador, impio borlista!

As notas de Rossini eram-lhe espinhos,

As fusas de Bellini eram-lhe fusos

Que o intimo das visceras lhe espetam!

E os duetos em

fá

do Machbet

Eram-lhe cantos de raivosas górgonas!

O ferro fez-lhe vêr visoens do inferno!

A propria Jeny-Lind se cantasse,

Nesse palco, talvez, aos olhos d'elle

Não fosse mais gentil, que a

Cholera-morbus

[3]

É que a larva immortal do pesadello,

A sombra do borlista ergue-se impavida,

Synistra, nos umbraes do camarote!

Derreado e servil no corpo e alma,

Arrasta-se o borlista em cortesias,

Gagueja cumprimentos requentados,

Recebe em cada noute affrontas novas,

E, cynico, sorri, graceja sempre!

Mas cerram-se ao borlista os horisontes,

Apenas surges tu, Pedro-Eremita,

E aos povos um pregão de guerra envias!

De toda a parte bellicosa ferve

Raivosa indignação contra os

Bernardos

.

[4]

Aqui batata pôdre o povo ajunta,

Além prendem-se em páos bexigas tumidas,

E cebola grelada em grande escala

De Freixo de Numão o Porto importa.

Se no livro fatal d'altos destinos

Proscripta a extinção foi do borlista

Da borla a abolição a ti se deve,

De ti, visconde emana o nobre impulso!

Em nome dos sensíveis assignantes,

Recebe o galardão que o Porto envia

Ao caro filho seu que a patria salva

Do typho mais cruel--

typho-borlista!

[3] É uma cegonha, cousa duvidosa entre a forôa, e a giboia, que canta entre as coristas.

[4] Quem não conhece o sr. Bernardo, digno Achilles do *Barriense*?

IMPRESSOENS

D'UM PASSEIO, NO *JARDIM DE S. LAZARO*.

Que delicias não encerra

Esta bem fadada terra

N'um domingo, em mez d'Abril!

Nem eu sei se a natureza

Deu mais pompas a Veneza,

Que no mar reina gentil.

Não na ha terra mais linda

Nem sonhal-a eu pude ainda

Nos meus sonhos da manhan.

Uma só os dons lhe abate,

És só tu, patria do vate,

Donairosa Campanhan!

Mas, aqui, terra das auras,

Esponaneas brotam Lauras

Por entre sacas d'arroz.

E, quaes ferteis cogomelos,

Nascem Dantes de chinelos,

E Petrarcas d'albornoz.

Tudo vai do ceo formoso,

Que derrama ondas de goso

Nestas almas d'alfinim.

Quem não viu anjos de saia,

Serafins d'alva cambraia

No fantastico

jardim

?

Inda, ha pouco, eu vi delicias

Invejei doces caricias,

Que lá vi... oxalá não!

Entre tantas a mais bella,

A rainha... ai! era ella...

D. Eusebia d'Assumpção!

Ella sempre!.. espectro! larva

Por quem fiz esta alma parva,

Por quem dei cavaco até!

E tão linda!.. impia cegonha,

Tão folhuda!.. era uma fronha,

Um travesseiro de pé!

E, tão tolo, eu quiz fallar-lhe

Quiz mysterios revelar-lhe

Deste amor, desta agonia;

Quiz dizer-lhe em voz terrivel,

Com rancor inconcebivel:

«Passou bem? que bello dia!»

Não me ouviu, virou-me a cara,

E eu jurei vingança avara,

E a vingança... oh! eide-a ter!

Não te rias, lagarticha,

Eide atirar-te uma bicha,

Eide vêr-te a fralda a arder.

Feito o horrivel juramento,

N'aquelle acerbo momento

Dona Eusebia me esqueceu!..

Procurei entre outras flores

Nova fé, novos amores...

Poderia achal-os eu?

Dona Eustaquia era formosa,

Tinha os dentes côr de rosa,

Meigos olhos de marfim;

Tinha o collo verde-gaio,

Lindos braços cor de paio,

Lindas mãos de marroquim.

Mas Eustaquia não podia,

Conceber-me esta poesia,

Que me escalda o coração!

Ao pé d'ella estava um grulha,

Um rival, um gêta, um pulha,

Um palerma, um pelitrão.

A pretexto de meiguices,

Vomitorio de sandices

Era o tal... que eu não direi...

O que eu fiz foi pôr-me ao largo,

Pois lutar é sempre amargo

Contra um estúpido de lei.

Outra vi; julguei-a vaga;

Era Dona Saramaga,

D'olhos garços de matar.

De cabelo em grande rôlo,

Sua testa era um rebôlo,

Mas rebôlo de encantar!

Esta sim: ouviu-me as fallas,

Conheceu que estava em tallas

Meu dorido coração.

Deu me affectos desvellados,

Deu-me quatro rebuçados

Com sensível emoção!

Perguntou-me se a Geordano

Ficaria para o anno,

Ou iria p'ra Pariz.

Respondi-lhe que a cantora,

Por em quanto, era senhora

Da garganta e do nariz.

Dito isto (e não é pouco)

Retirei-me quasi louco

De paixão, que é de matar.

Mas palpita-me que um dia,

Consummida esta poesia,

Pés de burro eide apanhar!

P. S.

O auctor desta obra é uma pessoa honesta, que reconhece Deus no ceo, e o ridiculo na terra. Não crê no representante de Deus entre os homens, por que não quer ultrajar a divindade; mas confessa que o demonio tem um representante em cada freguezia, sem attribuiçoens no codigo administractivo, mas funcctionario muito superior aos regedores e juizes eleitos. O auctor accredita que o diabo não é tão feio como o pintam, e reputa-o, nas suas elevadissimas intuiçoens, como um espirito que se ri desentoadamente das muito parvas evoluçoens da humanidade. O auctor ousa declarar-se commissionado provisoriamente desse espirito do sarcasmo, e não poderá d'hora em diante irrogar injuria a quem lhe chamar «alma do diabo.» Conscio da missão que lhe é delegada, o auctor intenta uma publicação semanal, que será uma pagina que o Lucifer do seculo XX receberá da mão do Lucifer do seculo XIX. A geração, que vai levantar-se sobre os tumulos da geração que se esconde na grande valla d'uma epocha, virá estudar a nossa biographia nessa obra que o auctor intenta. Quem quizer assignar para ella fará um serviço aos seus netos.

PROSPECTO.

UM BICO DE GAZ.

JORNAL SEMANAL.

Assignatura por mez: 160 réis. O jornal é distribuido aos sabbados; e assigna-se

No Porto--em todas as lojas onde se vende este folheto; Lisboa, Coimbra, Vizeu, Lamego, Vianna, e Braga.

Admittem-se correspondencias que attingam a missão rasgadamente civilisadora deste jornal. É preciso que a luz da intelligencia humana deixe de ser alimentada por azeite de purgueira. O espirito reclama um bico de gaz. E o auctor tem a vaidade de reputar-se o Hislop do mundo espiritual.

*** END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK FOLHAS
CAHIDAS, APANHADAS NA LAMA POR UM ANTIGO JUIZ DAS
ALMAS DE CAMPANHAN ***

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at www.gutenberg.org/license.

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this

agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form,

including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg™ website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, “Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation.”
- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.

- • You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.
- • You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the “Right of Replacement or Refund” described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL,

PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS', WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b)

alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™

Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™'s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at www.gutenberg.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at www.gutenberg.org/contact

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the

widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit www.gutenberg.org/donate. While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff. Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: www.gutenberg.org/donate.

Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: www.gutenberg.org.

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.